

## APRENDENDO A SER FARMACÊUTICO: O PROCESSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Renata Pimentel da Silva<sup>1</sup>; Simone Salviano Alves<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal da Paraíba, renatapimentelll@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal da Paraíba, simonealves.drpsico@gmail.com*

### Resumo

Esta pesquisa objetivou identificar como se deu a formação profissional dos farmacêuticos em relação à formação universitária, bem como em relação à formação prática, isto é, que acontece fora dos muros da academia. Para alcançar tal objetivo utilizou-se para coleta de dados o Inquérito em Saúde e Trabalho em Serviços – INSATS e uma entrevista individual semiestruturada. Participaram da pesquisa 48 farmacêuticos de redes de farmácias situadas na cidade de Campina Grande – Paraíba. Os dados obtidos no INSATS foram armazenados no programa SSPSS, onde se utilizou estatísticas descritivas, enquanto os dados oriundos das entrevistas foram submetidos à análise de conteúdo temática. Os resultados apontaram a percepção dos farmacêuticos de uma formação profissional insuficiente, isto é, uma formação que não atende as necessidades sentidas na prática. Os aspectos apontados como prejudiciais à formação foram a defasagem curricular e atitudes negligentes por parte dos professores. A aprendizagem, segundo os participantes, ocorre diretamente no mercado de trabalho, em especial com os demais profissionais.

Embora a profissão farmacêutica tenha vivido uma evolução histórica inegável, garantindo a possibilidade de uma retomada do papel do farmacêutico frente ao cuidado com a saúde dos usuários e uma melhor definição do seu papel dentro do estabelecimento farmacêutico, a situação vivenciada pelos profissionais não pode ser considerada ideal ou satisfatória. O farmacêutico se vê, por um lado, sendo cobrado para assumir as práticas de atenção à saúde, propostas pelo novo enfoque da profissão, e por outro, absorvido por situações que descaracterizam seu trabalho.

A OPAS (2002) aponta aspectos do contexto da prática farmacêutica no Brasil que retratam claramente a realidade da profissão. Inicialmente é apresentada a crise de identidade profissional do farmacêutico, aliada à sua pouca inserção na equipe multiprofissional de saúde, e conseqüente falta de reconhecimento social. A proposta da OPAS (2002) destaca ainda que a prática profissional está desconectada das políticas de saúde e de medicamentos, priorizando as atividades de cunho administrativo em detrimento das atividades de educação em saúde e de orientação sobre o uso de medicamentos. A inequidade no acesso aos

medicamentos e a falta de integração e unidade entre as entidades representativas da categoria farmacêutica também constituem características que dificultam a prática destes profissionais, assim como a formação profissional recebida pelos farmacêuticos nas instituições de ensino.

A formação universitária dos farmacêuticos constitui uma realidade preocupante. O que se percebe é uma formação excessivamente tecnicista, com uma formação clínica ainda elementar, além de um distanciamento entre a teoria estudada e as exigências práticas demandadas pelas farmácias e pelos serviços de atenção à saúde (Bastos, 2007; OPAS, 2002). Corroborando tal apontamento, Leite e colaboradores (2008) alegam que a educação farmacêutica é desenvolvida de forma desarticulada da realidade social, não estando comprometida com a resolução dos problemas de saúde, mas sim com a produção de medicamentos, técnicas e exames, além de possibilitar pouca interação academia-serviços, onde se percebe escassez de atividades multidisciplinares.

## **MÉTODO**

### **Participantes**

O grupo base da pesquisa foi formado por 48 farmacêuticos atuantes em farmácias e drogarias de uma cidade do nordeste brasileiro, vinculadas a diversas redes de farmácias. Do total de participantes, 46 responderam ao Inquérito Saúde e Trabalho em Serviço (INSATS) e 15 participaram de entrevistas individuais semiestruturadas.

### **Instrumentos**

Os participantes responderam a uma entrevista individual semi-estruturada. A entrevista constitui uma das possibilidades de, ao fazer emergir a palavra do indivíduo, favorecer a apropriação do vivido do trabalho. Os participantes responderam também ao Inquérito Saúde e Trabalho em Serviços – INSATS, versão adaptada do Inquérito Saúde e Trabalho - INSAT, proposto por Barros-Duarte, Cunha e Lamcomblez (2007). Enquanto proposta metodológica, o INSAT tem como objetivo “estudar as consequências do trabalho e das condições de trabalho, atuais e passadas, ao nível de saúde e bem-estar” (Barros-Duarte, Cunha & Lacomblez, 2007, p. 57).

## Análise dos dados

Para analisar os dados oriundos das entrevistas recorreu-se à análise temática de conteúdo proposta por Minayo (2012). Os dados do INSATS foram armazenados na forma de banco de dados no programa SPSS (*Statistical Package for Social Science for Windows*), onde foram realizadas análises estatísticas descritivas (média, desvio padrão, frequência).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### A formação profissional na universidade e na prática

Buscou-se identificar como se deu a formação profissional dos farmacêuticos participantes do estudo, tanto em relação à formação universitária quanto em relação à formação que acontece fora dos muros da academia, ou seja, na(s) empresa(s), por meio de cursos realizados, estágios, etc. No que se refere a formação recebida na universidade, 60,9% dos profissionais que responderam ao INSATS afirmaram que o que aprenderam a universidade atende “mais ou menos” as necessidades da atividade prática, acompanhados de 23,9% que afirmaram atender pouco as necessidades sentidas na prática:

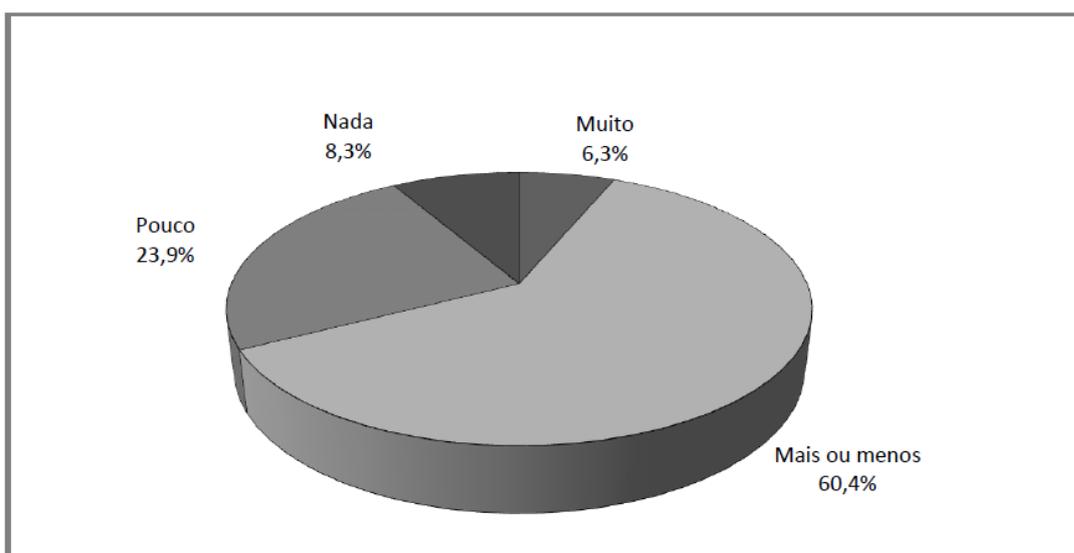


Figura 1: Relação entre os conhecimentos adquiridos na universidade e as necessidades sentidas no trabalho

Nas entrevistas, os profissionais corroboraram tais dados, ao caracterizarem a

formação acadêmica com adjetivos do tipo: muito deficiente, insuficiente, fria, ausente, precária e arcaica. As justificativas apontadas para os problemas na formação foram: o direcionamento para determinadas áreas; a falta de aulas práticas, por um lado, e excesso de teoria, por outro; afastamento dos professores para pós-graduação, sem reposição das aulas perdidas e preponderância da formação para a área acadêmica.

*Nunca é suficiente. Porque no campo de trabalho a gente se depara com outras situações que não tem na universidade. Mesmo assim, ficou muito a desejar. Por greves, e assim, professores que saíam pro doutorado deixavam a gente abandonados, depois não tinha tempo pra repor. (E08)*

Pesquisa realizada por Bastos (2007) com farmacêuticos atuantes na cidade do Rio de Janeiro chegou a constatações semelhantes às de nosso estudo, ou seja, o distanciamento existente entre o que é ensinado na universidade e a realidade encontrada no cotidiano das farmácias. Esse descompasso entre a formação recebida e a realidade encontrada nas farmácias comerciais só é possível de reduzir com a experiência adquirida ao longo do tempo.

*No começo eu me desesperava. É muito difícil você decorar, na universidade a gente aprende princípio ativo, e na drogaria ela trabalha com marca, praticamente marca. E é uma infinidade de marcas. E até mesmo saber pra que serve cada substância [...] A prática, o dia a dia é a melhor escola. (E06)*

A realidade da formação nos cursos de Farmácia apresentada pelos entrevistados corresponde ao panorama exposto pela OPAS (2002) no Consenso Brasileiro de Atenção Farmacêutica, que afirma que a formação é deficiente, excessivamente tecnicista e com pouca ênfase na área clínica. Também é apontada a divergência encontrada entre a formação e a as demandas dos serviços de saúde. Leite *et al* (2008) apresentam as discussões realizadas no I Fórum Nacional de Educação Farmacêutica, onde os debates reafirmaram a desarticulação entre a teoria e a realidade social vivenciada no país, a ênfase dispensada à produção de medicamentos, às técnicas e a realização de exames, além de pouca interação entre a academia e os serviços. Diante desta realidade, durante o encontro foi levantada a proposta de uma melhor avaliação dos cursos, em busca de promover o atendimento das necessidades do sistema de saúde.

Segundo Lorandi (2006) faz-se necessário um novo perfil de profissional que esteja preparado para o atendimento de necessidades sociais. O farmacêutico deve estar inserido nas

discussões acerca das políticas de saúde e dos medicamentos. Desta forma, o novo perfil de atuação coloca o farmacêutico na equipe multidisciplinar e na busca do uso racional de medicamentos. Uma proposta para alcançar essa atuação multidisciplinar, bem como a maturidade pessoal e a identidade profissional, de acordo com Gondim (2002), é a implantação de uma formação generalista e a ampliação das atividades práticas nas graduações. Desta forma, o profissional estaria mais preparado para os imprevistos inerentes às situações de trabalho.

### **A Inserção no Mercado de Trabalho**

Arguir os participantes sobre seu percurso profissional permitiu perceber os modos de inserção dos mesmos no ramo da farmácia comercial. Duas profissionais relataram que, após o término da graduação, enfrentaram, como principal dificuldade, a rejeição dos donos de farmácia quanto a sua presença no estabelecimento:

*[...] foi como eu fui recebida. “Eu vim acertar, trouxe minha carteira, mas quanto é mesmo o salário?” “Não, na carteira é isso aqui, mas vou lhe pagar R\$200,00, mas não precisa você vir não”. Aquilo me matou. A realidade do farmacêutico comercial era essa. O dono de farmácia não queria nem que a gente viesse na farmácia [...]. (E12)*

*Naquela época, o farmacêutico em si não era cobrado na farmácia. Eram poucos os farmacêuticos que queriam trabalhar. Os patrões faziam de tudo pra não ter farmacêutico na Farmácia, porque isso aí era um obstáculo pra eles. Então no início, eu me lembro, da minha turma, a única que ficou desempregada foi eu. Porque não queria assinar, queria trabalhar. Então todo mundo já estava empregado. Mas só encontrava pra assinar. Então ainda fiquei quase um ano sem farmácia, aí tive que entrar, porque só encontrava pra assinar (E10).*

Essa realidade é uma marca na história da profissão farmacêutica e resulta da crise que se seguiu ao crescimento das indústrias farmacêuticas. Embora a responsabilidade técnica do farmacêutico já constituísse uma exigência legal, não era devidamente respeitada, pois se contratavam farmacêuticos apenas para “assinar a farmácia”, ou seja, para atestar que existia um farmacêutico, embora ele não atuasse enquanto tal (Angonesi & Sevalho, 2010). Segundo Farina e Romano-Lieber (2009) essa situação vem se transformando, sendo nítidas as melhorias alcançadas ao longo dos anos. Os próprios participantes perceberam essa melhoria na profissão:

*[É mais valorizada?] A exigência do farmacêutico na farmácia mesmo. Coisa que sempre teve mais não era cumprida. E também de ter mais profissionais nas farmácias, que antes era só um, hoje não, são dois, são três farmacêuticos no estabelecimento farmacêutico... [...] Então cumpre à risca o que manda a lei. [...] Isso motivou muito, e fez com que agente farmacêutico, ele tivesse um melhor desempenho, melhor, assim, valorização do trabalho (E11). 101*

Os profissionais formados mais recentemente também percebem esse avanço, que se manifesta na criação de programas de estágio em algumas redes de farmácia, abrindo-se, desse modo, a possibilidade de contratação de farmacêuticos como funcionários efetivos após o período de estágio. A entrevistada 06 relatou que iniciou seu trabalho “*como estagiaria no último ano, e assim que conclui fui contratada. Trabalho aqui já fazem sete anos*” (E06). Essa situação também retrata a estabilidade que algumas redes proporcionam aos seus trabalhadores, como no caso acima em que a profissional já está há sete anos na mesma empresa e também em outro exemplo que a farmacêutica está há onze anos em outra rede.

### **Aprendendo A Ser Farmacêutico**

O aprendizado da atividade do farmacêutico, segundo 91,3% dos respondentes do INSATS, se deu diretamente no local de trabalho, através de treinamentos oferecidos pela instituição empregadora (47,8%), observando colegas (80,4%), por orientação de colegas (71,7%) ou sozinhos (78,3%).

Nas entrevistas podem-se confirmar tais dados, ou seja, a maioria dos participantes explicitou que o aprendizado profissional se deu por diversas vias:

*No dia a dia mesmo, observando as pessoas mais experientes, outros farmacêuticos. Meu treinamento foi na empresa A, foi antes de me formar mesmo, como estudante, mas assim já adiantou muito. Meu estágio era tipo uma Atenção Farmacêutica, que eu tinha o contato com os clientes, tinha controle quando estava terminando a medicação, medicação de uso contínuo. Eu aprendi muito porque ficava no balcão, auxiliando os outros balconistas, farmacêutico (E08). 102*

Esse caso ratifica a importância da prática profissional para o estudante que, desse modo, já vai adquirindo as competências necessárias ainda no processo de formação acadêmica, o que permite que chegue ao mercado em

melhores condições. Como afirma Carrillo (2000), ao referir-se ao ensino farmacêutico, faz-se necessário que, o mais cedo possível, o aluno entre em contato com a realidade de trabalho de maneira que, através do confronto entre a teoria e a prática, lhe seja possível refletir sobre seu papel enquanto profissional da saúde. O estágio curricular pode permitir que os alunos se habituem e compreendam melhor os problemas e perspectivas do futuro profissional. Desta forma, é necessário uma diversificação dos locais de ensino-aprendizado, treinamento em serviços no início dos cursos e a experiência em equipe multiprofissional (OMS, 1993).

No que se refere a realização de estágio, dos 15 farmacêuticos entrevistados, sete fizeram menção a estágios, que foram realizados nas áreas de farmácia comercial, análises clínicas, bioquímica, farmácia hospitalar, no Centro de Atenção psicossocial - CAPS, no serviço municipal e na atenção primária, através da farmácia-escola. No I Fórum Nacional de Educação Farmacêutica, ocorrido em 2007, foram apontadas como propostas que deveriam pautar a educação farmacêutica, a obrigatoriedade de estágios como disciplinas obrigatórias na graduação, indo além do estágio de final de curso e a inserção dos estudantes nos sistemas de saúde (Leite *et al*, 2008), evidenciando assim que o contato do estudante com a prática farmacêutica está cada vez mais em foco nas discussões acerca da formação profissional da categoria.

É relevante frisar que alguns profissionais afirmaram que para aprender seu trabalho contaram com a orientação dos balconistas das farmácias, de maneira que esses profissionais assumem um papel importante na adaptação do farmacêutico à rotina do estabelecimento:

*Foi aprendendo assim, com o mais antigo, até com balconista. Antigamente o balconista era o top de linha mesmo, hoje é que tá mais... mas na minha época era assim. E tinha uns balconistas que me ensinavam, negócio de troca de medicamentos, substituir medicamentos, porque a gente entra só com aquele, [...] (E15).*

Como se sabe, o balconista numa farmácia tem um contato direto com o público e acaba por desenvolver habilidades e adquirir conhecimentos capazes de auxiliar o farmacêutico em sua inserção na farmácia. O entrevistado 01, ao destacar a importância da prática e do contato com o cliente defende que “*aprender realmente só na prática. Só você indo pro balcão, atendendo cliente, tirando suas dúvidas, que você vai aprendendo*” (E01).

Embora o auxílio do balconista e o contato com o cliente contribuam para o aprendizado, o entrevistado E13 esclarece que o ensino das atividades técnicas é prerrogativa do farmacêutico mais experiente: “*Estamos treinando dois farmacêuticos, dois novatos que*

*estão aí no balcão, e eles estão sendo treinados por balconistas. Assim, a parte técnica é com a gente [os farmacêuticos], a área de vendas é mais voltada para o balconista.” (E13)*

De acordo com um dos entrevistados, para aprender seu trabalho, o farmacêutico também tem que adotar uma postura ativa de busca do conhecimento e de superação das limitações de sua formação, conforme pode ser observado na fala da entrevistada 02: *“Então o que aprendi foi buscando, correndo atrás, estudando, investigando na internet, na legislação, essas coisas. Foi mais sozinha, porque a empresa trabalha mais com essa parte de reciclagem, eu já tenho que entrar sabendo”.*

Por fim, também foi apontado que a prática, o dia a dia de trabalho, possibilita o aprendizado das atividades de responsabilidade do farmacêutico: *“Aprendeu na prática, dando à cara a tapa. Aprendendo no dia a dia [...]. Treinamento, assim, poucos dias com o farmacêutico que já tinha antes. [...] no conteúdo do farmacêutico, só no dia a dia mesmo” (E03).*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados da presente pesquisa reforçam uma realidade onde a formação teórica recebida nas universidades não consegue suprir as necessidades surgidas na prática profissional. Os profissionais apontaram que a formação predominante tecnicista prejudica a formação dos profissionais para as novas demandas do mercado, demonstrando uma clara defasagem curricular. Para suprir essas lacunas os profissionais contam com a aprendizagem prática, aquela que fora da universidade e se estende no próprio mercado de trabalho.

Os estágios são apontados como oportunidades de aprendizagem, bem como de entrada no mercado de trabalho. De fato, os profissionais apontam que é no mercado de trabalho que os mesmos conseguem aprender e desenvolver suas habilidades técnicas. Esse processo de aprendizagem ocorre junto a outros farmacêuticos, assim como os próprios balconistas; ambas as categorias possuem conhecimento prático e auxiliam a entrada dos novos profissionais.

Esses aspectos reforçam as dificuldades encontradas durante o processo de formação, uma vez que este se encontra em flagrante descompasso com a realidade de trabalho, restando aos profissionais aprender no dia a dia, observando ou sob orientação de colegas de trabalho. Os elementos que conseguimos apreender das entrevistas com os farmacêuticos corroboram

evidências da necessidade de melhorias na formação, equilibrando teoria e prática, de modo que os profissionais possam exercer plenamente a profissão (Silva e Vieira, 2004).

## REFERÊNCIAS

ANGONESI, D.; SEVALHO, G. Atenção Farmacêutica: fundamentação conceitual e crítica para um modelo brasileiro. *Ciência & saúde coletiva*, v. 15, n. 3, 3603-3614, 2010.

BASTOS, C. R. G. **Tem farmacêutico na farmácia: as percepções dos farmacêuticos sobre seu trabalho nas farmácias comunitárias do estado do Rio de Janeiro.** (Dissertação de Mestrado). Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

CARRILLO, G. G. G. Ensino farmacêutico e a necessidade de mudanças na concepção de estágio na carreira do farmacêutico-bioquímico. **Revista Educação Pública**, v. 9, n. 16, 25-41, 2000.

FARINA, S.S.; ROMANO-LIEBER, N. S. Atenção farmacêutica em farmácias e drogarias: existe um processo de mudança? **Saúde e Sociedade**, v. 18, n. 1, 7-18, 2009.

GONDIM, S. M. G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de psicologia**, v. 7, n. 2, 299-309, 2002.

LEITE, S. N. et al. I Fórum Nacional de Educação Farmacêutica: o farmacêutico que o Brasil necessita. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v.12, n. 25, 461-462, 2008.

LORANDI, P. A. Análise histórica da formação acadêmica do farmacêutico – Quatro décadas. **Infarma**, v. 18, n. 7/8, 7-12, 2006.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, n. 17, v. 3, p. 621-626, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Papel do farmacêutico: Assistência Farmacêutica de qualidade – benefícios para os governos e a população.** Relatório da Reunião da OMS: Tóquio, Japão, 1993.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE - OPAS. **Consenso Brasileiro de Atenção Farmacêutica: Proposta.** Brasília: OPAS, 2002.

SILVA, L. R.; VIEIRA, E. M. Conhecimento dos farmacêuticos sobre legislação sanitária e regulamentação da profissão. **Revista de Saúde Pública**, n. 38, v. 3, 429-37, 2004.